

PRÓLOGO

Paris, 1902

A luz do holofote aéreo ultrapassou a sombra dos edifícios, formando linhas longitudinais alongadas por entre os caixilhos da janela. Elas se moveram lentamente, como um comboio que se afastava da estação, ultrapassando a lareira, o sofá, a cristaleira e, por fim, os dois rapazes que estavam de guarda. Rígidos em seus uniformes negros e luvas prateadas, um deles piscou para a luz, incomodado.

— Maldito Dumont! — rosnou ele, erguendo um punho para o dirigível que patrulhava os céus de Paris, um dos vários projetados pelo engenheiro Alberto Santos Dumont para a Sûreté francesa.

O outro apenas respondeu com um cenho talhado por uma linha escura. Estavam a serviço, guardando a entrada. Não via motivos para comentários. Além disso, a voz do colega atrapalhava os sons que escapavam do quarto. O Doutor estava lá há algum tempo. Não seria preciso esperar muito, pensou o rapaz, com um sorriso duro.

Do outro lado do pequeno sobrado, o Doutor lavava as mãos. Rios de sangue escorriam de seus dedos enquanto um

soldado segurava a jarra para despejar a água límpida sobre os punhos rubros. Ele enxugou as mãos e limpou os óculos antes de deixar o quarto e seguir para o corredor, onde encontrou o Capo, que ergueu as sobrancelhas.

O Doutor apenas balançou a cabeça negativamente.

Com um gesto longo, o Capo passou a mão na cabeça raspada e afundou o resto do charuto em um cinzeiro que segurava no colo. Engoliu a saliva antes de se levantar. Sua mente vagou pelos pesadelos de outras noites, memórias vívidas dos procedimentos do Doutor em suas vítimas, e seu estômago revirou. Apertou a língua contra o céu da boca, pensando no que significaria tudo aquilo quando chegasse seu dia de prestar contas às hostes divinas.

Desde que fora batizado na organização, há quase vinte anos, nunca tivera tantas dúvidas. A busca, que parecia impossível, se tornava cada vez mais tangível. E quanto mais próximos estavam de sua realização, mais sangrentas estavam as suas mãos.

“Nossa vitória é certa, pois descendemos da antiga raça. Somos os escolhidos. Somos os anjos do divino”, lhe dissera o capelão em sua última confissão.

Mas mesmo as vitórias poderiam ser amargas. Criado em uma família católica, abandonara a falsa Bíblia quando fora batizado. Mesmo assim, uma passagem de São João insistia em aparecer em sua mente ao meditar sobre as palavras do padre.

“No céu, havia anjos carregando armas selvagens”.

Ele alcançou o quarto de paredes forradas de papel e janelas cobertas por longas cortinas de lã trançada. A cama de madeira clara repousava sobre um tapete ovalado cor de areia, escondendo o piso gasto. O espelho da penteadeira lançou um olhar inquietante quando o vulto de negro passou por seus domínios, uma mancha escura no retiro claro.

Apertando os lábios, se aproximou dos dois prisioneiros, encarando o único olho aberto do homem, que cuspia sangue no chão. Seu nariz estava quebrado e hematomas marcavam seu rosto. As mãos, presas atrás da cadeira, foram quebradas e suas coxas perfuradas por pregos. O sujeito tentara berrar por socorro, mas logo aprendera que qualquer tentativa de chamar a atenção para o que acontecia dentro da residência era respondida com mais chutes e socos. Não em si, mas em sua esposa.

A mulher que estava ao seu lado não parecia estar em melhores condições. O Doutor tentara extrair dela as informações que foram ordenados a recuperar, mas os resultados foram absolutamente insatisfatórios. O Capo sabia que não havia nada mais estimulante para a memória do que a dor. Talvez os dois realmente não tivessem as informações que buscavam. Talvez estivessem enganados, afinal.

Com uma sensação de angústia, reconheceu que isso, agora, era irrelevante.

Com cuidado, retirou a mordaca da boca do homem e perguntou uma última vez.

— *Il tavolo, professore. Onde está il tavolo di Salomone?*

O homem balançou a cabeça, tremendo.

— Eu... não sei — resmungou ele, em súplica. — Ninguém sabe. A Mesa de Salomão desapareceu há séculos!

O Capo suspirou fundo e fez um gesto compreensivo para o homem, recolocando a mordaca em sua boca. Então, se virou para os dois soldados que permaneciam na sala.

— Recolham tudo — disse, em italiano. — Peguem todos os documentos e arquivos e preparem os focos. A casa deve queimar por inteiro.

Os soldados trocaram um rápido olhar, que não passou despercebido pelo Capo.

— O que foi?

— *La bambina* — disse um deles. — A menina que está dormindo no andar de cima. A filha deles.

Uma pontada surgiu em sua cabeça, perto do lóbulo esquerdo, lancetando o globo ocular. A sua mão tremeu quando puxou um frasco dos bolsos. Ele desrosqueou a tampa e engoliu rápido duas cápsulas, a seco. Seus olhos se fecharam por um momento e, então, voltou a respirar. Não esquecera da garotinha nem por um momento, mas não havia nada que pudesse fazer. As regras eram claras: sem testemunhas, sem deixar ninguém para trás.

— Façam o que mandei — rosnou de volta.

Os soldados se empertigaram em uma pose militar e rapidamente deixaram o quarto para cumprir as ordens.

— E os dois? — perguntou o Doutor, da porta, enquanto apontava para o casal com os olhos.

— Você sabe o que fazer — respondeu, incapaz de anunciar em voz alta as palavras de mais uma condenação.

Ele tentou se afastar, mas o Doutor parecia ter outros planos.

— *Il ragazzo* — lembrou ele, colocando uma mão nos seus ombros. — Eles ainda não foram batizados.

— O batismo rubro — murmurou, com um arrepio.

Lançou um olhar para o casal condenado. Eles estavam mortos. Nada poderia salvá-los agora. Mas se fizesse a vontade do seu assassino, talvez novas vítimas pudessem ser salvas.

A racionalização da matança, pensou. *Meu Deus, onde fomos parar?*

— Traga-os aqui — disse, num sussurro.

No tempo de acender um charuto, o Doutor voltou com os dois rapazes que estavam de guarda lá fora. O primeiro, um sujeito de cabelos loiros e olhos muito azuis, trincou os dentes ao ver o casal torturado. O segundo apenas lançou um olhar de desprezo, examinando os machucados com certa curiosidade.

— *Battesimo rosso* — resmungou, fazendo um gesto com a cabeça em direção ao casal. — Vocês sabem o que fazer. *Tu per primo*.

Ao receber a ordem, uma grossa gota de suor escorreu das mechas loiras do garoto até o seu pescoço. Ele engoliu em seco e deu dois passos curtos até o homem, puxando a pistola do coldre escondido. Seu braço tremia. A pistola foi erguida até a cabeça do sujeito, que se virou para a mulher. O olhar de uma vida inteira escorreu em um segundo.

O Capo piscou quando a arma foi engatilhada e, então, piscou novamente, escorregando para a escuridão, que lhe parecia cada vez mais reconfortante. Escuridão, esquecimento e estupidez.

Seus olhos se abriram com um espanto genuíno. Não fora o som abafado de um tiro de uma arma com silenciador que lhe despertara, mas o toque cálido do metal no tapete felpudo. Com a arma no chão, o rapaz deixou o quarto correndo, as lágrimas que faltavam em si transbordando na alma do jovem.

O Doutor praguejou e seus olhos brilharam em vermelho, o que não passou despercebido pelo Capo. O rapaz estava condenado. Seria executado com requintes de crueldade; um lembrete macabro para aqueles que ousavam desafiar a organização. Furioso, se virou para o segundo soldado.

— E tu? Também é um frouxo?

O rapaz sacou a própria arma e foi até o casal. Ele pousou o cano sobre a têmpora do homem, como lhe foi ensinado, e disparou. Com o cano silenciador instalado na arma, o único som que ecoou no quarto foi o do crânio estilhaçado. A mulher tentou berrar de dor e horror, mas sua agonia durou pouco. Um segundo disparo liquidou a questão.

Sem hesitação.

O rosto do rapaz estava salpicado de gotas de sangue, assim como suas mãos e o uniforme negro. Não importava. Sangue poderia ser lavado. A honra, nunca.

O Capo assistiu a tudo e precisou engolir a bile em uma longa baforada. A frieza do rapaz parecia dardejá-lo pelos olhos. Por um momento, perguntou-se se já tivera aquele olhar e, então, percebeu que não gostaria de saber a resposta.

O Doutor o encarou e ele abandonou estes pensamentos impuros. Agora era preciso seguir o rito.

— *La pistola* — pediu, estendendo a mão e recebendo a arma do rapaz. Com um gesto calculado e protocolar, notou o cano quente e o cheiro amargo da pólvora recém-disparada.

— Erga o braço — disse.

O rapaz estufou o peito e seguiu as palavras em latim proferidas, repetindo uma tradição que poderia ser rastreada até os tempos romanos. Ou, se fosse acreditar no que lhe diziam, até mesmo a Rômulo e Remo, os mitológicos fundadores de Roma, os gêmeos que foram alimentados por uma loba e cresceram para fundar o mais importante império de toda a história.

Cumprido o juramento, devolveu a arma para o rapaz, que se tornara, agora, um *soldato* da Ostia Mithrae.

O rapaz agradeceu com uma saudação e parecia prestes a sair, quando foi impedido por um gesto. Em uma organização clandestina, nomes eram evitados, mas o Capo simplesmente precisava saber.

— Qual é o seu nome, rapaz?

O jovem pareceu não se importar. Ele se empertigou em uma saudação militar, levou a mão à testa e respondeu.

— Soldado Benito, *signore!*

Uma hora depois, os bombeiros foram chamados às pressas para o Quarto Arrondissement de Paris. Um sobrado estava em chamas e, entre o crepitar das labaredas, havia o choro de uma criança no segundo andar. A roda da engrenagem do Destino girou pela primeira vez quando um dos soldados do

batalhão ignorou as ordens do capitão e invadiu a casa para resgatar o bebê de um berço em chamas. O homem acabou condecorado; a criança, após passar seis meses no hospital, foi entregue para o tio-avô, a única família que lhe restava.

— Vamos embora — disse o velho, sussurrando para a pequena criança que dormia de lado, para que as queimaduras não arranhassem no tecido. — Está na hora de ir para casa, minha pequena fênix.

1

Paris, 1927

Apenas o tiquetaquear de um grande relógio de carilhão acompanhava o movimento do lápis riscando um bloco de notas amarelado. Às vezes, o farfalhar das folhas girando de um lado para o outro precedia um grande silêncio e, então, o lápis riscava furiosamente o papel novamente.

Apesar do sol límpido que nascia lá fora convidar os parisienses aos seus jardins e praças, aquele não era um movimento particularmente incomum. Afinal, a biblioteca do Museu Nacional de História Natural era um ponto de encontro tradicional para pesquisadores e professores de toda a Europa. Seus salões de soalhos de marfim e esculturas nas paredes foram testemunhas de inúmeros debates, descobertas valiosíssimas e, de vez em quando, alguma celebração regozijando o sucesso de uma expedição.

Menos incomum era alguém estar consultando seu vasto acervo tão cedo. E se nos aproximássemos mais, notaríamos que havia outros aspectos inusitados na única consulente daquela manhã ensolarada.

Primeiro, a pesquisadora parecia muito mais jovem que a maior parte dos estudiosos que circulavam pela biblioteca. Segundo, ela possuía um drozde, o que era incomum para alguém da sua idade. Os pequenos animais mecânicos se tornaram obsoletos depois da Grande Guerra, findada há apenas uma década. Durante os quatro anos de um conflito sangrento que se espalhou por boa parte do globo, todos os esforços haviam se centrado na indústria bélica. Os herdeiros de Jaquet-Droz substituíram a fabricação de drozdes pela produção de próteses mecânicas. Com quase vinte milhões de mortos e o dobro de feridos, era impensável gastar tempo, aço e esforços em algo supérfluo. Após a guerra, a Europa estava devastada. A fome alcançara a maior parte dos países, contribuindo para a pandemia de gripe espanhola de 1918, que matou quase cem milhões em todo o planeta. O drozde da jovem, no entanto, não saíra de uma linha de montagem. Projetado e construído por uma engenheira excepcional, o pequeno animal mecânico fora deixado como herança para a pesquisadora.

Desde então, o escorpião de aço se tornara um companheiro inseparável em sua vida solitária. Afinal, mesmo antes da peculiar ocupação que arranjava, seus colegas mantinham reservas. Não os culpava de todo. Afinal, as cicatrizes que cobriam boa parte de lado esquerdo do seu corpo eram medonhas. A pele avermelhada e repuxada seguia do seu braço até a perna. Durante o verão, usar mangas compridas era um verdadeiro inferno, mas melhor do que receber olhares que vagavam entre o horror e o compadecimento. Durante boa parte da juventude, precisou conviver com o desprezo e zombaria, trocando os passeios no parque por longas horas na biblioteca.

Mas as mangas não eram a única parte da vestimenta que a distanciava das jovens damas parisienses. Ela não vestia um terno ou uma saia comportada. Na verdade, usava um conjunto de calças curtas de lã, largas e folgadas ao redor do quadril

e com um botão de punho um pouco abaixo do joelho. Meias grossas seguiam até um par de botas e, acima da cintura, usava um colete de couro e uma camisa de gola alta. Um par de suspensórios completava o vestuário.

Ela até poderia ser confundida com alguma esportista, afinal, o figurino e as calças eram comuns entre as mulheres que praticavam golfe, caminhadas, equitação ou mesmo tênis. Mas nenhuma delas, até onde se sabia, trazia um nunchaku preso na cintura ou um goggles de uso exclusivo do Bureau na lapela.

De qualquer modo, era esperado algum tipo de excentricidade para a dama em questão. Afinal, somente uma pessoa em todo o Império Francês poderia ostentar o título de...

— La Dame Chevalier?

A agente terminou de copiar a frase que estava anotando de um grande livro e levantou os olhos para o funcionário do museu.

— O que foi, Pierre? — perguntou, soltando a respiração com certo desolamento.

Pierre sorriu amarelo e sua perna mecânica soltou um pequeno chiado. Veterano da Batalha de Verdun, sobrevivera após se arrastar por quase um quilômetro entre as trincheiras inimigas. O governo recompensara sua bravura com um emprego burocrático no museu. Mesmo assim, não tinha do que reclamar. Fora o único sobrevivente do batalhão, ganhara uma prótese por ser veterano de guerra e recebia um salário. A maior parte dos ex-combatentes esmolava pelas ruas de Paris para tentar sobreviver. Sempre que podia, Pierre deixava uma parte do salário no clube dos veteranos.

Pouco a pouco, se acostumara à rotina do Museu e suas excentricidades. Entre elas, a jovem Chevalier. Todos sabiam que a agente não gostava de ser interrompida quando estivesse pesquisando. Na verdade, trazer à agente qualquer assunto que não fosse relacionado a acontecimentos ou pessoas que

não estivessem mortos há pelo menos mil anos atrás era flertar com o desastre.

E só havia um motivo para que os bibliotecários chamassem por ela.

— Tenho um recado do Bureau — ele informou, em tom polido.

Ela estendeu a mão, lendo o bilhete com rapidez. Depois de agradecer a Pierre, fechou os livros. Enquanto o bibliotecário juntava os volumes para levá-los de volta às estantes, Chevalier recolhia suas anotações e estendia a mão para que o escorpião mecânico subisse até se acomodar em um bolso da sua camisa. Pouco depois, suas passadas foram ouvidas deixando o salão.

Duas salas à frente, uma voz atravessava uma dúzia de estudantes antes de irradiar para o corredor. Chevalier apressou o passo, dizendo para si mesma que não queria atrapalhar. O argumento era sempre o mesmo e a mentira, mesmo repetida dezenas de vezes, não parecia mais real a cada dia.

“Comprometimento! Arqueologia é baseada nisso, senhoras e senhores. Comprometimento! O mundo está repleto de escavadores sem formação. Pilantras. Ladrões. Caçadores de tumbas. Não buscamos a riqueza, mas, sim, *a verdade!*”

Suas passadas se tornaram mais rápidas. Ela recusou-se a olhar para os lados enquanto atravessava as portas abertas, onde o Prof. Chacarral discursava aos candidatos a uma vaga em um dos mais prestigiosos cursos de Arqueologia da França e de toda a Europa.

“Sem comprometimento, meu tempo e o de vocês será desperdiçado. Não tolerarei isso!”

As faces da Chevalier se enrubesceram. Ela não sabia dizer se o professor a reconhecera ou não. Não sabia e não se importava, disse uma voz em sua mente.

Engolindo mais uma vez a mentira, abandonou a biblioteca e seguiu para o verão caloroso de Paris.

Chevalier seguiu pelos jardins até alcançar o magnífico prédio da Galeria Zoológica, uma construção neogótica, repleta de colunas e afrescos. Ali, seguindo a tradição museológica em voga, os grandes animais eram apresentados no centro, como em um desfile, enquanto as demais coleções eram distribuídas ao seu redor. Mesmo já conhecendo exaustivamente cada uma das peças em exibição, Chevalier ainda se impressionava com os exemplares empalhados e com as grandes ossadas dos dinossauros extintos há milhões de anos. Mas ela estava com pressa, por isso passou rapidamente pela ala dos paquidermes, dos grandes felinos e das girafas e foi até a Ala Glacial, onde a recém-inaugurada estátua de um mamute se tornara ponto obrigatório para todos os visitantes do museu.

Deixando o elefante peludo para trás, seguiu em frente pelo corredor e dobrou à direita, onde a ossada de um tigre dentes-de-sabre a encarava com um ar ameaçador.

— Olá, Gaston — cumprimentou ela, antes de se dirigir a uma estranha porta de manutenção, que não parecia ter maçaneta ou chave. Depois de olhar cuidadosamente para os lados e ter certeza de que não havia ninguém a vista, levantou a pequena plaqueta de metal que havia no centro da porta.

Atrás da plaqueta, só havia uma lente circular escura. Ela aproximou o olho e manteve a sobrancelha aberta, mesmo quando um brilho muito intenso espocou por um momento. Enquanto piscava por uma ou duas vezes, uma série de engrenagens girou no interior da parede, liberando sua passagem.

O apartamento escondido da atual Chevalier era moderno, apesar das instalações um tanto insalubres do subsolo da Galeria. Dois respiradores movimentados por um motor que zumbia baixinho traziam o ar fresco lá de fora. Na sala, um sofá de linhas quadradas fora disposto na frente de duas poltronas de madeira com um espaldar reto. As paredes eram claras e apenas um quadro, escolhido por acaso, fora emoldurado em cima da lareira. Jornais e revistas estavam espalhados

em diversas pilhas pelo chão e no tapete simples. Na mesa, torres de livros erguiam-se como bastiões contra hordas culinárias de xícaras de café amargo, pratos sujos e rosquinhas endurecidas.

Chevalier espirrou. Justine havia modificado o encanamento para puxar o ar do Jardim Botânico. Assim, dissera ela, as duas não precisavam ter flores ali embaixo para perfumar o ar. A ideia até poderia soar interessante, mas o problema é que ela funcionou bem *demaix*. O perfume das flores que brotavam no Jardim formava uma densa névoa em todo o apartamento, tornando o ar quase irrespirável. Quando a garota fosse embora, nas próximas semanas, pretendia trocar os encanamentos novamente.

O encanamento e várias outras coisas, pensou, com um sorriso. Finalmente, após vários anos, voltaria a viver sozinha.

Mas, por hora, manteria a vontade de Justine. Já tinha problemas demais com a adolescente para criar um novo sem necessidade.

Bateu na porta da garota por uma vez e, na segunda, chamou.

— Justine! Acorde, Justine. Precisamos ir.

Alguns momentos depois, a porta se abriu e uma garota alta, de cabelos cor de caramelo e os olhos repletos de remela apareceu, bocejando. Um drozde suricato saltou até o seu ombro e encarou Chevalier com o cenho franzido. A agente sorriu. Provavelmente ali estavam os dois únicos drozdes de toda Paris. Se fosse dar crédito aos Arquivos da Sûreté, o apartamento escondido seria um alvo perfeito para os Animalistas, um grupo terrorista que atuara na Europa durante a passagem do século. Eles acreditavam que a sociedade se tornara escrava dos animais mecânicos e que era preciso dar um basta. O grupo foi ignorado pela polícia e insultado pela imprensa, mas acabou ganhando notoriedade após plantar uma bomba em uma das fábricas de Jaquet-Droz. Doze funcionários mor-

reram no incêndio. A Sûreté entrou em ação e uma caçada humana teve início. Durante quase uma década, o grupo aterrorizou Paris e as principais capitais europeias, matando quase uma centena de pessoas.

O grupo acabou dismantelado há décadas, muito antes dos drozdes desaparecerem da sociedade apenas porque a vida seguiu seu curso. Se eles soubessem que seus objetivos seriam atingidos em poucos anos, teriam agido da mesma forma? Chevalier achava que sim. Não havia nada mais perigoso do que um ideal. Principalmente se este ideal fosse estúpido.

— Que horas são? — resmungou a garota.

— Fui chamada ao Bureau.

A garota reclamou entre bocejos.

— E daí? Não vou destruir o apartamento enquanto você brinca de soldadinho.

Chevalier apertou os dentes.

— Na verdade, você *quase* destruiu o apartamento enquanto estive fora da última vez. Não vou cometer o mesmo erro. Vamos.

Justine resmungou alguma coisa que Chevalier preferiu não se esforçar para entender. A garota voltou-se para o próprio quarto e começou a se trocar.

— É uma missão? — ela perguntou, enquanto arrancava os pijamas e colocava uma camisa de mangas longas com um grande macacão por cima, abotoado no peito.

— Eu tenho um chamado — corrigiu Chevalier. — E não vá ficando muito entusiasmada. Suas aulas começam em algumas semanas.

— Nós precisamos conversar sobre isso — resmungou Justine.

— Não, não precisamos — disse Chevalier, irritada. — Você vai para a faculdade, conforme era o desejo de sua mãe.

— Minha mãe não está mais aqui.

Chevalier suspirou fundo, tentando se lembrar de quantas vezes já ouvira ou repetira os argumentos que estava prestes a usar.

— Eu sei, *mon cheré* — disse, em tom ameno. — Mas este foi o seu último desejo, *non*? E você não vai desrespeitar o último desejo de Juliette, não é?

— Eu poderia lhe ajudar — a garota disse, lavando o rosto em uma pia que ela mesma instalara no quarto. — Aliás, eu sempre lhe ajudo — insistiu.

— Não tenho dúvidas disso, mas você terá a vida inteira para desperdiçar no Bureau após a faculdade — repetiu Chevalier.

— Isso não é justo — resmungou a garota, enfiando uma boina na cabeça.

— Isso é a vida — corrigiu Chevalier, parando um minuto para observar o rosto em um espelho. As olheiras, fruto das horas gastas junto aos livros, pareciam particularmente amareladas aquela manhã. Ela franziu o cenho, beijou a medalhinha da Fênix, que ganhara do tio-avô muitos anos atrás e, então, saiu do apartamento, com Justine em seus calcanhares.

Após deixarem o prédio para trás, seguiram pelos jardins do Museu até alcançar as vias circulantes de Paris, um intrincado sistema capilarizado formado por vielas, canais, avenidas e trilhos. As calçadas já estavam apinhadas de gente e os cafés pareciam uma floresta de chapéus palheta, gravatas, xícaras e copos. Nas esquinas, filas indicavam a chegada dos jornais matutinos e, nas ruas, automóveis e ônibus disputavam o espaço com as poucas carroças que ainda resistiam à passagem dos anos.

Com o passo rápido, elas seguiram a multidão que desaparecia em uma escadaria que ia ao subsolo. Depois de vários anos, a *locomotive* pneumática, uma das maravilhas construídas pelo falecido ministro Verne, dera lugar às modernas linhas do metrô subterrâneo, conduzidos por locomotivas a diesel.

A *locomotive* ainda funcionava, era claro, mas seus ocupantes eram turistas em sua maioria, casais e famílias que se deliciavam em ver a cidade a partir do alto.

Chevalier e Justine usaram seus passes especiais para ultrapassar a catraca e, logo, já estavam acomodadas em um dos vagões de aço platinado que as levou das cercanias da Notre Dame até o Canal du Lac, onde desembarcaram. Ali, tomaram uma das lanchas oficiais do Bureau e seguiram até a sede da principal agência de investigação e espionagem do Império Francês.

O local já estava apinhado de agentes andando de um lado para o outro, com pastas embaixo dos braços, cigarros presos na boca e expressões taciturnas. Máquinas datilográficas eram ouvidas à distância e fotos eram comparadas. O império era vasto e o Bureau era responsável pela segurança dos cidadãos franceses em locais tão remotos como Madagascar, a França Antártica ou a Austrália Francesa. Em algum lugar, sempre havia um conflito a ser debelado, uma conspiração a ser descoberta ou um crime a ser investigado.

Chevalier bateu em uma porta, notando que uma placa fora recentemente arrancada do batente. Ela escondeu um sorriso e entrou.

— Olá, agente — disse um homem sentado atrás de uma escrivaninha, fazendo um gesto para que ela se aproximasse.

— Major René Durand, eu suponho — disse Chevalier, lembrando-se do memorando que recebera alguns dias antes. Ela se aproximou com os modos evasivos, enquanto esquadrinhava o sujeito.

Ele era bem mais jovem que o antigo comandante, mas, como qualquer oficial francês, suas feições eram muito semelhantes. Queixo quadrado, bigode pontudo, sobrancelhas grossas. Não esperava algo diferente.

No entanto, os olhos de Durand não pareceram buscar sinais de suas cicatrizes em seus pulsos. Isso, sim, era algo digno de nota.

— É uma honra conhecê-la finalmente — disse Durand, arrancando a agente de seus pensamentos. — Meu antecessor falava muito bem de você.

— Realmente? — Chevalier disse, erguendo uma sobrancelha. — Que interessante. Até onde me lembro, ele pediu o meu afastamento quase uma dezena de vezes.

— Na verdade, foram onze vezes — disse Justine.

A agente se virou e encarou sua protegida com uma expressão de dúvida marcando o rosto.

— Teve aquela vez por causa da rebelião em Tanganika, lembra?

— Aquilo não foi um pedido de afastamento — retrucou Chevalier. — Foi mais uma recomendação.

— Hã-hã — pigarreou Durand, chamando a atenção das duas. — De qualquer forma, isso são águas passadas. Espero que a nossa relação seja menos tempestuosa, por assim dizer.

— Eu não crio tempestades, Major, mas não tenho problema em navegar por elas.

Justine sorriu e Durand fechou a cara. Ele se arrumou na cadeira e resolveu seguir direto ao tema.

— Na verdade, o assunto que a traz aqui tem a ver com o Major Boucher. Assim que assumi, pedi os seus arquivos, agente.

Chevalier piscou os olhos e abriu a boca, mas o Major foi mais rápido do que ela.

— Precisava descobrir com quem estava lidando — ele disse. — É minha obrigação me manter preocupado com o que acontece no Bureau.

— É justo — concordou ela, com um resmungo. — E daí?

Durand pegou uma pasta preta com os dizeres *confidentiel* de dentro de uma das gavetas e a colocou em cima da mesa, entre o telefone e uma máquina de teletipo, que despejava informes de tempos em tempos. Chevalier a encarou, mas não

fez comentários enquanto ele abria a folha de papelão e examinava os papéis.

— Os documentos estão em ordem — ele disse, comentando enquanto passava de um papel para o outro. — Ao assumir o manto da Chevalier, sua certidão de nascimento foi suprimida, assim como todos os registros escolares e quaisquer outros que a mencionassem. Para todos os efeitos, sua antiga identidade foi apagada.

— Sei disso, Major — disse ela. — Fui informada do que aconteceria antes que aceitasse o cargo.

— Não tenho dúvidas disso — Durand disse, chegando até o último documento. — No entanto, isso me chamou a atenção — falou, puxando a folha e a passando para a agente.

Só havia uma única anotação ali. E com todo o treinamento que tivera nos arquivos do Bureau, não fora difícil reconhecê-la.

— Uma *segunda* pasta? Por quê?

Durand balançou a cabeça e voltou a abrir a gaveta, retirando uma pasta vermelha. Pelo que Chevalier se lembrava da catalogação, aquela era uma pasta de investigação especial.

— Eu recolhi a pasta imediatamente — disse ele, parecendo irritado por um momento. — Qualquer informação sobre nossos Chevalier deve permanecer secreta e é uma falha terrível de segurança que estes dados tenham permanecido públicos.

— Quem produziu esta investigação? — perguntou ela, mesmo que já soubesse a resposta.

— O Major Boucher — disse Durand, parecendo desconfortável. — Já levei o caso para o Comissariado do Bureau. Eles vão tratar da questão.

— Ou seja, vão ignorar os desmandos do Major Boucher, como sempre — resmungou Justine.

— Quieta, Justine — disse Chevalier, apesar de estar pensando exatamente a mesma coisa.

— O Major me investigou — ainda disse, depois de um momento, enquanto tentava conectar os pensamentos. — Bem, não posso dizer que estou surpresa. Ele quis a minha expulsão desde que a Imperatriz Catarina tomou a sua decisão.

Durand dispensou este comentário com um aceno.

— Tenho ciência da animosidade entre vocês e, a bem da verdade, não a teria chamado apenas pela decisão equivocada do Major. O problema é que ele realmente descobriu algo.

— O quê? As minhas notas ruins em aritmética? — gracejou ela, irritada.

— São documentos sobre os seus pais.

As palavras a atingiram como um soco. Ela precisou segurar a respiração, que parecia querer engolfá-la enquanto as cicatrizes no seu braço ardiam. Ela apertou a medalhinha da Fênix por um momento.

— Meus pais morreram em um incêndio — finalmente disse, com a voz controlada.

Durand apenas estendeu os documentos. Chevalier deu um passo à frente e pegou os papéis.

Não precisou mais do que alguns segundos para reconhecer o que segurava. Como agente dos arquivos do Bureau, aprendera a catalogar e organizar a papelada que chegava, era produzida ou saía da agência. Mais tarde, como Chevalier, tivera a duvidosa primazia de ler em primeira mão aquele tipo de documento. Eram autópsias. Autópsias realizadas em seus pais logo após o incêndio que a deixara órfã para todo o sempre.

As palavras entravam e saíam de sua mente em alta velocidade. Não tinha recordações dos pais, que faleceram quando ela mal tinha alguns meses de vida. Por toda sua vida, suas lembranças eram de segunda mão, principalmente do tio-avô, que a criara, e de alguns poucos amigos que mantiveram contato. Agora, lia naquele relatório algo que compartilhava com

eles além de seus genes. As cicatrizes e as queimaduras, o horror da pele retorcida, a dor indescritível que a atacava de noite, entre seus pesadelos. Os pais, que assim como ela, vivenciaram a horrível experiência de um incêndio. A morte que os atingiu entre os escombros, queimados pelas chamas que...

Ela parou, saltando direto para a causa da morte. Sua respiração se tornou mais curta e ela virou a folha atrás de mais detalhes. Então, passou para o segundo documento, a autópsia da sua mãe, que trazia o mesmo resultado. As conclusões eram claras.

— Meus pais foram assassinados? — ela perguntou, com a voz em um sussurro.

Justine saltou da poltrona como se alguém tivesse lhe espetado com uma agulha. Um segundo depois, ela estava saltitando atrás da Chevalier, que era uns bons vinte centímetros mais alta do que a garota, olhando arregalada para os documentos.

— Um tiro na cabeça — murmurou Justine, colocando as mãos na boca e dando um passo para trás, sem saber o que dizer. Ela olhou para a nuca de Chevalier enquanto tremia.

— Sim, *mademoiselle* Justine — disse Durand, com a voz baixa. — É o que diz o relatório. Um tiro na têmpora, para ser mais exato, com uma munição oca.

— Eles foram executados — repetiu Chevalier. — E foram torturados antes, se entendi direito — concluiu, chacoalhando os documentos.

Durand respondeu apenas com um assentimento quase imperceptível.

Chevalier puxou o ar, sentindo o diafragma se comprimir.

— E o Major Boucher descobriu isso há quase dois anos, se a data de abertura do arquivo está certa — ela rosnou. — E os arquivos *nunca* mentem.

— Não, creio que não — disse Durand. — Mas, a despeito da má vontade do Major Boucher, isso de pouco adiantaria,

agente. Os crimes aconteceram há mais de vinte anos. Não temos pistas nem ideia do motivo.

— Então, por que me chamou aqui? — perguntou Chevalier, irritada demais para manter o respeito protocolar. — Por caridade?

— Não, *agente* Chevalier — retrucou Durand, erguendo uma sobrancelha. — Foi por causa deste relatório, que chegou às minhas mãos ontem à noite.

Ele estendeu uma pasta verde para Chevalier, que a agarrou sem rodeios. A cor era inequívoca: era um relatório militar. E seu conteúdo era muito parecido com os documentos que acabara de examinar. Uma autópsia, realizada no soldado Bertrand, assassinado dentro do hospital militar de Tânger.

Um tiro na têmpora. Uma bala oca.

— É o mesmo tipo de arma — ela disse, depois de comparar os dois relatórios. — E o mesmo tipo de bala.

— Um assassino apegado à tradições — rosnou Durand, batendo com o dedo no tampo da mesa. — Esta não é uma arma comum. Fiz uma pesquisa nos arquivos do Bureau antes de lhe chamar. Não há registro de uma morte com este tipo de arma e munição, com exceção dos seus pais. Se for a mesma arma, Chevalier, ela está em operação há quase duas décadas. Estamos lidando com alguém meticuloso.

— E por que este soldado foi assassinado?

— Esta é a grande questão, *non?* Como deve saber, Chevalier, estamos em guerra no Marrocos. Há dois anos, nosso posto em Amekran foi massacrado por insurgentes berberes. As tribos se uniram ao redor de Abd al-Karim, atacando nossas posições a partir de Rife, uma região montanhosa a leste de Tânger. Desde então, nossos soldados lutam em um dos piores teatros de guerra do mundo.

Chevalier dispensou a informação com um gesto brusco. Sabia sobre a guerra, era claro, mas nunca tivera paciência para estes conflitos que pareciam cada vez mais sem sentido. De-

pois de todos os horrores da Grande Guerra, era impensável que mais soldados estivessem sendo enviados para o fronte de batalha, mas a máquina do exército parecia cada vez mais faminta do sangue de seus jovens.

— E daí?

— O soldado Bertrand foi capturado há alguns meses, na região de Taza — continuou Durand. — Há algumas semanas, ele conseguiu fugir. Chegou quase morto à Tânger e foi internado no hospital, onde o diretor o interrogou. Ele afirmou para o Comandante Deschamps que os berberes pareciam muito interessados em um artefato.

— Um artefato? — repetiu Chevalier, pega de surpresa pela informação. Nunca poderia imaginar isso. — Há milhares de tipos de artefatos, Major.

— Ele também fez um desenho — continuou Durand, pegando um envelope. — Ele o copiou de um pergaminho e, por sorte, Deschamps o arquivou antes que o soldado fosse assassinado. Reconhece isso?

Chevalier abriu o envelope, retirando dali um único pedaço de papel amarelado, com um desenho no centro. Ela engoliu em seco em um gesto instintivo.

Justine voltou a se aproximar e se espichou toda para poder enxergar por detrás do ombro da Chevalier. O que ela viu foi o desenho do que lhe pareceu ser uma mesa retangular quebrada.

— Por que todas estas caras e bocas por causa de uma mesa com um pé quebrado? — resmungou ela.

— Essa pode ser a mesa de Salomão — falou Chevalier.

— E daí? Parece uma mesa de tomar café da manhã.

Chevalier acertou a cabeça da sua aprendiz com a pasta, arrancando-lhe um gritinho agudo. O drozde suricato saltou para não ser atingido e voltou a pousar no ombro de Justine, com o punho erguido para a agente.

— Você está falando *do* Salomão? O Rei Salomão? — perguntou Durand.

— Sim. O Rei dos reis, se você for considerar os textos bíblicos. Supostamente reinou sobre Israel entre 966 a 926 a.C. — ela disse.

— E o artefato?

Chevalier suspirou.

— Aí, as coisas complicam. Os registros históricos parecem confirmar que Salomão realmente existiu. No entanto, tanto a Bíblia como Torá e o Alcorão apresentam uma versão mais fantasiosa do rei.

— Uma fantasia pode mudar o mundo — comentou Durand.

— Ou levá-lo para as trevas — retrucou a agente. — De qualquer modo, nos textos que sobreviveram até nós, Salomão é visto falando com anjos, demônios e até mesmo Deus. Além disso, ele era possuidor de diversas relíquias. Entre elas, a sua Mesa.

— Por que alguém se importaria com uma mesa? — insistiu Justine, tomando cuidado de se manter longe do longo braço da Chevalier.

— Além de ter sido produzida em ouro e cravejada de gemas, a mesa é uma relíquia sagrada tanto para os judeus quanto para os muçulmanos — explicou Chevalier. — A lenda diz que os entalhes em seu tampo inspiravam Salomão quando ele precisava tomar uma decisão particularmente difícil. Salomão foi reconhecido como um rei justo e sábio e quem possuísse a sua mesa herdaria a sabedoria de mil reis.

— Uma história interessante — disse Durand, impaciente. — Mas o que isso tem a ver com o seu pai?

A atitude controlada da Chevalier resvalou por um momento.

— Meu pai era um arqueólogo. Acho que herdei dele o gosto pela antiguidade.

— Entendo. Mas isso não responde a minha pergunta — insistiu ele.

— E como tal, ele deveria conhecer a história de Salomão — disse Chevalier, pigarreando. — Mas não vejo nenhuma relação entre ele e as relíquias. Estes artefatos desapareceram há séculos, quando o Templo foi destruído e saqueado em 587 a.C.

— Ele pode ter sido morto por causa disso? — perguntou Durand, apontando para o desenho que Chevalier segurava.

A agente virou-se para Durand com a expressão dura.

— Eu nunca o conheci, Major — disse, seca. — Ele foi morto, junto com a minha mãe, no dia em que consegui isso — completou, puxando a manga da camisa para cima e revelando a pele queimada.

— Eu sinto muito — disse Durand e, por um momento, Chevalier achou que ele realmente sentia. Mas isso não importava. Não mais. Não *agora*.

Chevalier se virou mais uma vez para o papel e manteve os olhos no desenho até que o Major falou mais uma vez.

— Eu recebi o relatório do Coronel Loup, o nosso comandante-em-chefe no Marrocos. Ele é conhecido por ser bastante competente e goza de um alto prestígio em nossas forças armadas.

— Porém... — iniciou Chevalier, que percebeu o tom evasivo do Major.

— Porém o seu relatório é extremamente sucinto — ele continuou, desconfortável.

Durand ainda deu uma batidinha com o nó do dedo na mesa antes de continuar.

— Eu quero que você vá até Tânger — disse, por fim. — Investigue discretamente e descubra o que puder sobre o assassinato do soldado. Talvez isso traga alguma luz para ambas as questões.

Chevalier apenas assentiu, sem responder. Em silêncio, deixou o recinto, com Justine em seus calcanhares.

— O que foi? — sussurrou ela no ouvido da agente.

Chevalier respondeu a pergunta com o silêncio e manteve-se assim até que as duas estivessem em um dos vagões do metrô.

— E então? — insistiu Justine, quando percebeu que a sua tutora parecia mais relaxada. — O que está acontecendo?

Chevalier lançou um olhar avaliador para o lado, mas tudo o que viu foram dois homens que conversavam em um banco, um garoto de calças curtas e chapéu marrom que mascava as tais gomas elásticas que pareciam cada vez mais populares entre as crianças, e uma senhora de aspecto irritado, que lançava olhares cheios de ódio para o drozde suricato de Justine. Chevalier esticou os ombros, aproveitando para deixar a mostra a sua insígnia do Bureau, o que foi o suficiente para a velha olhar para o outro lado. Então, respondeu à garota.

— Eu menti para o Major.

— Isso é evidente — disse Justine, com uma careta. — Você mente mal. O Major pode ter caído na sua conversa, mas eu te conheço há muito tempo.

— Papai não só conhecia Salomão — disse Chevalier, em voz baixa. — Ele era um especialista. Ele foi o verdadeiro autor de uma obra prima sobre o assunto: Os Três Pilares de Salomão.

— E o Bureau não sabe disso? — perguntou Justine, surpresa.

— Ninguém sabe — respondeu Chevalier, parecendo irritada. — Enquanto estava terminando o livro, papai teve uma briga com o diretor do Museu Nacional e foi demitido. O livro acabou sendo publicado pelos seus antigos colegas, mas seu nome foi eliminado da versão final. Segundo o meu tio-avô, papai nunca mais pôs os pés lá dentro.

— E com razão! Almofadinhas nojentos! — bufou ela. — E você conhece o livro?

— Eu li tudo o que meu pai escreveu — disse Chevalier, respirando de forma curta. — Tudo.

Justine segurou a mão da amiga.

— E por que não disse nada para o Major? — perguntou, depois de alguns minutos. — O que quer fazer?

— Eles esconderam isso de mim — rosnou Chevalier, com o corpo retesado de ódio. — Mesmo depois que fui treinada como agente, depois que me tornei a Chevalier da França, eles ainda mantiveram isso escondido de mim!

Justine largou Chevalier, que cruzou os braços.

— Não, Justine. Isso não tem a ver com o Bureau ou as suas guerras — ela continuou. — Eu vou para Marrocos e vou descobrir quem matou os meus pais. E vamos estar frente a frente antes que tudo isso acabe.

As palavras se ergueram cortantes como uma lança apon-tada para o céu, desaparecendo pouco a pouco nos túneis de Paris.